CASA TOMADA

GOSTÁVAMOS DA casa porque, além de espaçosa e antiga (hoje que as casas antigas sucumbem à mais vantajosa liquidação de seus materiais), guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância.

Habitamo-nos, Irene e eu, a permanecer nela sozinhos, o que era uma loucura, pois nessa casa podiam viver oito pessoas sem se estorvar. Fazíamos a limpeza pela manhã, levantando-nos às sete, e pelas onze eu deixava para Irene as últimas peças por repassar e ir à cozinha. Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; então não ficava nada por fazer além de uns poucos pratos sujos. Era para nós agradável almoçar pensando na casa ampla e silenciosa e em como nos bastávamos para mantê-la limpa. Às vezes chegamos a pensar que foi ela que não nos deixou casar. Irene recusou dois pretendentes sem motivo maior, eu vi morrer Maria Ester antes que chegássemos a nos comprometer. Entramos nos quarenta anos com a inexprimível idéia de que o nosso, simples e silencioso matrimônio de irmãos, era o fim necessário da genealogia fundada pelos bisavós em nossa casa. Morre-

ríamos ali algum dia, vagos e esquivos primos ficariam com a casa, e a demoliriam para se enriquecer com o terreno e os tijolos; ou melhor, nós mesmos a derrubáramos, inflexivelmente, antes que fosse demasiado tarde.

Irene era uma moça nascida para não fazer mal a ninguém. Fora sua atividade matinal, passava o resto do dia tricotando no sofá do seu quarto. Não sei por que tricotava tanto. Acho que as mulheres tricotam quando encontram nesse trabalho o grande pretexto para não fazer nada. Irene não era assim, tricotava coisas sempre necessárias, pulôveres para o inverno, meias para mim, cachênês e coletes para ela. Às vezes tricotava um colete e depois o desfazia rapidamente, porque algo não lhe agradava; era engraçado ver, na cestinha, o montão de lã encrespada, recusando-se a perder a forma de algumas horas. Aos sábados, eu ia ao centro para lhe comprar lã; Irene tinha confiança no meu gosto, apreciava as cores e nunca tive de devolver nenhuma meada. Eu aproveitava essas saídas para dar uma volta pelas livrarias e perguntar inutilmente se havia novidades em literatura francesa. Desde 1939 não chegava nada de bom à Argentina.

Porém é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho importância. Pergunto-me que teria feito Irene sem tricotar. Uma pessoa pode reler um livro, mas quando um pulôver está terminado não se pode repeti-lo sem escândalo. Um dia encontrei a última gaveta da cômoda de alcanfor cheia de *écharpes* brancas, verdes, lilases. Estavam com natalina, empilhadas como em uma mercadoria; não tive coragem de perguntar a Irene o que pensava fazer com elas. Não necessitávamos ganhar a vida, todos os meses chegava a renda dos campos, e o

dinheiro aumentava. Mas Irene só se entretinha tricotando, mostrava uma destreza maravilhosa, e eu passava as horas vendo suas mãos como ouriços prateados, aguilhas indo e vindo, e uma ou duas cestinhas no chão, onde se agitavam constantemente os novelos. Era uma beleza.

Lembro-me bem da divisão da casa. A sala de jantar, uma peça com gobelinos, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais afastada, a que dá frente para Rodriguez Peña. Só um corredor, com sua maciça porta de carvalho, separava essa parte da ala dianteira, onde havia um banheiro, a cozinha, nossos quartos de dormir e o *living* central, ao qual se comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão com azulejos de majólica, e a porta-persiana dava para o *living*. De maneira que se entrava pelo saguão, abria-se a porta-persiana e chegava-se ao *living*; tinha, dos lados, as portas dos nossos quartos, e à frente o corredor que levava à parte mais afastada; seguindo pelo corredor chegava-se à porta de carvalho, e mais adiante iniciava-se o outro lado da casa, ou então se podia virar à esquerda, justamente antes da porta, e seguir por um corredor mais estreito, que levava à cozinha e ao banheiro. Quando a porta estava aberta, percebia-se que a casa era muito grande; caso contrário, dava a impressão de um apartamento dos que se constroem agora, apenas para que a gente se mexa; Irene e eu vivíamos sempre nesta parte da casa, quase nunca fomos além da porta de carvalho, salvo para fazer a limpeza, pois é incrível como junta poeira nos móveis. Buenos Aires pode ser uma cidade

limpa, mas isso ella deve a seus habitantes e não a outra coisa. Há demasiada poeira no ar, mal sopra uma lufada e se acha pó nos mármoreos dos consolos e entre os buracos das toalhas de macramé; dá trabalho tirá-lo bem com o espanador, voa e se suspende no ar, um momento depois se deposita de novo nos móveis e no piano.

Recordarei sempre com nitidez, porque foi simples e sem circunstâncias inúteis. Irene estava tricotando em seu quarto, eram oito da noite e, de repente, lembrei-me de pôr ao fogo a chaleirinha do mate. Fui pelo corredor até chegar à porta entreaberta de carvalho, e dava volta ao cotovelo que levava à cozinha quando escutei algo na sala de jantar ou na biblioteca. O som vinha impresso e surdo, como um tombar de cadeira sobre o tapete ou um abafado murmúrio de conversação. Também o ouvi, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que vinha daquellas peças até a porta. Atirei-me contra a porta antes que fosse demasiado tarde, fechei-a violentamente, apoiando o corpo; felizmente a chave estava do nosso lado e, além disso, puxei o grande ferrolho para maior segurança.

Fui à cozinha, aqueci a chaleirinha e, quando voltei com a bandeja do mate, disse a Irene:

— Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte dos fundos.

Deixou cair o tricô e me olhou com seus graves olhos cansados.

— Você tem certeza?

Disse que sim.

14

— Então — disse, recolhendo as agulhas — teremos de viver neste lado.

Eu cevava o mate com muito cuidado, mas ella demorou um instante em recommegar o seu trabalho. Lembrou-me de que tricotava um collete cinza; eu gostava desse collete.

Os primeiros dias nos pareceram penosos porque ambos havíamos deixado na parte tomada muitas coisas que queríamos. Meus livros de litteratura franceza, por exemplo, estavam todos na biblioteca. Irene sentia falta de umas toalhas, um par de chinelas que a abrigavam muito no inverno. Eu sentia falta do meu cachimbo de zimbro e acho que Irene pensou em um vidro de hesperidina de muitos anos. Com frequência (mas isto somente aconteceu nos primeiros dias) fechávamos alguma gaveta das cômodas e nos olhávamos com tristeza.

Não está aqui.

E era mais uma coisa de tudo o que havíamos perdido no outro lado da casa.

Mas também tivemos vantagens. A limpeza se simplifiqu tanto que ainda nos levantando muito tarde, às nove e meia por exemplo, não eram onze e já estávamos de braços cruzados. Irene se acostumou a ir comigo à cozinha e a me ajudar a preparar o almoço. Pensamos bem, e decidimos isto: enquanto eu fazia o almoço, Irene prepararia pratos frios para a noite. Alegramo-nos porque sempre se torna incômodo ter de abandonar os quartos ao entardecer e pôr-se a cozinhar. Agora nos bastavam a mesa no quarto de Irene e as travessas de comida fria.

15

Irene estava contente porque lhe sobrava mais tempo para tricotar. Eu andava um pouco desorientado por causa dos livros, mas, para não affligir minha irmã, pus-me a examinar a coleção de selos de papai, e isso me serviu para matar o tempo. Divertamo-nos muito, cada um em suas coisas, quase sempre reunidos no quarto de Irene, que era mais cômodo. As vezes Irene dizia:

— Olhe este ponto que fiz. Não é um desenho de trevo?

Um instante depois era eu que lhe punha ante os olhos um quadrinho de papel para que visse o valor de algum selo de *Eupen y Malmedy*. Estávamos bem, e pouco a pouco começávamos a não pensar. Pode-se viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta, eu despertava em seguida. Nunca pude me habituar a essa voz de estátua ou papagaio, voz que vem dos sonhos e não da garganta. Irene dizia que meus sonhos eram grandes sacudidelas que, às vezes, faziam cair o cobertor. Nossos quartos tinham o *living* pelo meio, mas de noite escutava-se qualquer coisa na casa. Nós nos ouvíamos respirar, tossir, presentíamos o gesto que conduz à chave do abajur, as mútuas e freqüentes insónias.

Fora disso, tudo estava silencioso na casa. De dia, eram os rumores domésticos, o roçar metálico das agulhas de tricô, um crepitar de folhas do álbum filatélico viradas. A porta de carvalho, creio havê-lo dito, era maciça. Na cozinha e no banheiro, próximos à parte tomada; ficávamos a falar em voz mais alta, ou Irene cantava canções de ninar. Em uma cozinha há demasiado ruído de louça

e vidros para que outros sons a invadam. Muito poucas vezes ali permitíamos o silêncio, mas quando voltávamos aos quartos e ao *living*, então a casa ficava silenciosa e, à meia-luz, pisávamos até mais vagarosamente para não nos incomodar. Acho que era por isso que, de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu acordava em seguida.)

É quase repetir a mesma coisa, salvo as conseqüências. De noite sinto sede, e antes de nos deitar disse a Irene que ia à cozinha tomar um copo de água. Da porta do quarto (ela tricotava) ouvi ruído na cozinha, talvez no banheiro, porque o cotovelo do corredor diminuiu o som. Minha brusca maneira de parar chamou a atenção de Irene, que veio para meu lado sem dizer palavra. Ficamos escutando os ruídos, notando claramente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha e no banheiro, ou mesmo no corredor, onde começava o cotovelo que se ao nosso lado.

Nem sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta-persiana, sem olhar para trás. Os ruídos se ouviam mais fortes, mas sempre surdos, às nossas costas. Fechei de um golpe a porta-persiana e ficamos no saguão. Agora não se ouvia nada.

— Tomaram esta parte — disse Irene. O tricô descia de suas mãos e os fios iam até a porta-persiana e se perdiam por debaixo dela. Quando viu que os novelos haviam ficado do outro lado, largou o tricô sem olhá-lo.

— Você teve tempo de trazer alguma coisa? — perguntei-lhe inutilmente.

— Não, nada.

Irene estava contente porque lhe sobrava mais tempo para tricotar. Eu andava um pouco desorientado por causa dos livros, mas, para não afligir minha irmã, pus-me a examinar a coleção de selos de papai, e isso me serviu para matar o tempo. Divertamo-nos muito, cada um em suas coisas, quase sempre reunidos no quarto de Irene, que era mais cômodo. Às vezes Irene dizia:

— Olhe este ponto que fiz. Não é um desenho de trevo?

Um instante depois era eu que lhe punha ante os olhos um quadrinho de papel para que visse o valor de algum selo de *Eupen y Malmédy*. Estávamos bem, e pouco a pouco começávamos a não pensar. Pode-se viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta, eu despertava em seguida. Nunca pude me habituar a essa voz de estátua ou papagaio, voz que vem dos sonhos e não da garganta. Irene dizia que meus sonhos eram grandes sacudidelas que, às vezes, faziam cair o cobertor. Nossos quartos tinham o *living* pelo meio, mas de noite escutava-se qualquer coisa na casa. Nós nos ouvíamos respirar, tossir, pressentíamos o gesto que conduz à chave do abajur, as mútuas e freqüentes insônias.)

Fora disso, tudo estava silencioso na casa. De dia, eram os rumores domésticos, o roçar metálico das agulhas de tricô, um crepitar de folhas do álbum filatélico viradas. A porta de carvalho, creio havê-lo dito, era maciça. Na cozinha e no banheiro, próximos à parte tomada; ficávamos a falar em voz mais alta, ou Irene cantava canções de ninar. Em uma cozinha há demasiado ruído de louça

e vidros para que outros sons a invadam. Muito poucas vezes ali permitíamos o silêncio, mas quando voltávamos aos quartos e ao *living*, então a casa ficava silenciosa e, à meia-luz, pisávamos até mais vagarosamente para não nos incomodar. Acho que era por isso que, de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu acordava em seguida.)

É quase repetir a mesma coisa, salvo as conseqüências. De noite sinto sede, e antes de nos deitar disse a Irene que ia à cozinha tomar um copo de água. Da porta do quarto (ela tricotava) ouvi ruído na cozinha, talvez no banheiro, porque o cotovelo do corredor diminuíra o som. Minha brusca maneira de parar chamou a atenção de Irene, que veio para meu lado sem dizer palavra. Ficamos escutando os ruídos, notando claramente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha e no banheiro, ou mesmo no corredor, onde começava o cotovelo quase ao nosso lado.

Nem sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta-persiana, sem olhar para trás. Os ruídos se ouviam mais fortes, mas sempre surdos, às nossas costas. Fechei de um golpe a porta-persiana e ficamos no saguão. Agora não se ouvia nada.

— Tomaram esta parte — disse Irene. O tricô descia de suas mãos e os fios iam até a porta-persiana e se perdiam por debaixo dela. Quando viu que os novelos haviam ficado do outro lado, largou o tricô sem olhá-lo.

— Você teve tempo de trazer alguma coisa? — perguntei-lhe inutilmente.

— Não, nada.

Irene estava contente porque lhe sobrava mais tempo para tricotar. Eu andava um pouco desorientado por causa dos livros, mas, para não afligir minha irmã, pus-me a examinar a coleção de selos de papai, e isso me serviu para matar o tempo. Divertamo-nos muito, cada um em suas coisas, quase sempre reunidos no quarto de Irene, que era mais cômodo. Às vezes Irene dizia:

— Olhe este ponto que fiz. Não é um desenho de trevo?

Um instante depois era eu que lhe punha ante os olhos um quadrinho de papel para que visse o valor de algum selo de *Eupen y Malmédy*. Estávamos bem, e pouco a pouco começávamos a não pensar. Pode-se viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta, eu despertava em seguida. Nunca pude me habituar a essa voz de estátua ou papagaio, voz que vem dos sonhos e não da garganta. Irene dizia que meus sonhos eram grandes sacudidelas que, às vezes, faziam cair o cobertor. Nossos quartos tinham o *living* pelo meio, mas de noite escutava-se qualquer coisa na casa. Nós nos ouvíamos respirar, tossir, presentamos o gesto que conduz à chave do abajur, as mútuas e freqüentes insônias.)

Fora disso, tudo estava silencioso na casa. De dia, eram os rumores domésticos, o roçar metálico das agulhas de tricô, um crepitar de folhas do álbum filatélico viradas. A porta de carvalho, creio havê-lo dito, era maciça. Na cozinha e no banheiro, próximos à parte tomada, ficávamos a falar em voz mais alta, ou Irene cantava canções de ninar. Em uma cozinha há demasiado ruído de louça

e vidros para que outros sons a invadam. Muito poucas vezes ali permitamos o silêncio, mas quando voltávamos aos quartos e ao *living*, então a casa ficava silenciosa e, à meia-luz, pisávamos até mais vagarosamente para não nos incomodar. Acho que era por isso que, de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu acordava em seguida.)

É quase repetir a mesma coisa, salvo as conseqüências. De noite sinto sede, e antes de nos deitar disse a Irene que ia à cozinha tomar um copo de água. Da porta do quarto (ela tricotava) ouvi ruído na cozinha, talvez no banheiro, porque o cotovelo do corredor diminuiu o som. Minha brusca maneira de parar chamou a atenção de Irene, que veio para meu lado sem dizer palavra. Ficamos escutando os ruídos, notando claramente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha e no banheiro, ou mesmo no corredor, onde começava o cotovelo quase ao nosso lado.

Nem sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta-persiana, sem olhar para trás. Os ruídos se ouviam mais fortes, mas sempre surdos, às nossas costas. Fechei de um golpe a porta-persiana e ficamos no saguão. Agora não se ouvia nada.

— Tomaram esta parte — disse Irene. O tricô descia de suas mãos e os fios iam até a porta-persiana e se perdiam por debaixo dela. Quando viu que os novelos haviam ficado do outro lado, largou o tricô sem olhá-lo.

— Você teve tempo de trazer alguma coisa? — perguntei-lhe inutilmente.

— Não, nada.

Estávamos com o que tínhamos no corpo. Lembrei-me dos quinze mil pesos no guarda-roupa do meu quarto. Agora era tarde.

Como me sobrava o relógio-pulseira, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene (eu acho que ela estava chorando) e salmos assim à rua. Antes de nos afastar tive pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada.

CARTA A UMA SENHORITA EM PARIS

ANDRÉE, eu não queria viver em seu apartamento da Rua Suipacha. Não tanto pelos coelhinhos, mas porque me desagradava entrar em uma ordem fechada, construída até nas mais finas malhas do ar, essas que em sua casa preservam a música da lavanda, o adejar de um cisne, o dueto de violino e viola no quarteto de Rará. Para mim é duro entrar em um ambiente onde alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração de sua alma, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e inglês), ali os almofadões verdes, neste exato lugar da mesinha, o cinzeiro de cristal que se parece com uma bolha de sabão, e sempre um perfume, um som, um crescer de plantas, uma fotografia do amigo morto, ritual de bandejas com chá e pinças de açúcar... Ah, querida Andréé, que difícil opor-se, embora aceitando-a com inteira submissão do próprio ser, à minuciosa ordem que uma mulher instaura em sua agradável residência. Como é condenável pegar uma tacinha de metal e pô-la no outro extremo da mesa, pô-la ali simplesmente porque alguém trouxe seus dicionários de inglês e é deste lado, ao alcance da mão, onde deverão estar. Mexer nessa